



Literatura de cordel: da rima popular ao ensino da geografia *Cordel literature: from popular rhyme to the teaching of geography*

Francisco Wilson Soares Cruz

Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Pará,

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9723-7626>

mestrewilsonsoares@hotmail.com

Resumo

O ensino de geografia notabilizou-se por apresentar um caráter meramente descritivo e tradicional. Preocupada apenas em apresentar conceitos, geralmente através de aulas expositivas de regiões distantes do universo dos estudantes. Por muitos anos, a geografia foi percebida como uma disciplina pouco dinâmica, transformando-se num componente curricular desinteressante para os alunos. E assim, marcando o ensino nesta premissa por várias gerações no ambiente escolar. Hoje, sabemos que o conhecimento geográfico é extremamente dinâmico, interdisciplinar e principalmente conectado com diversas possibilidades para difusão do mesmo. Neste sentido, o presente artigo partiu da problemática: De que maneira podemos tornar o ensino de Geografia mais agradável a partir da utilização da literatura de cordel, promovendo uma maior interação entre estudante, conteúdo e a cultura popular? tendo como objetivo demonstrar que a cultura popular (Literatura de Cordel) pode ser uma ferramenta importante no processo de ensino-aprendizagem de geografia, abrindo diversas possibilidades de usos da mesma na prática pedagógica. A metodologia aplicada partiu da análise de referência bibliográfica de cunho qualitativo, leitura e produção de cordéis, recitação de cordéis e produção de vídeo. Diante da pesquisa realizada, a literatura de cordel apresenta-se como um importante recurso a ser explorado nas aulas de geografia uma vez que esta, têm caráter interdisciplinar sendo possível fazer uma releitura pelos professores e alunos dos conteúdos trabalhados ou das realidades locais.

Palavras-chaves: Literatura de Cordel, Ensino de Geografia, Práticas Pedagógicas.

Abstract

The teaching of geography was notable for being purely descriptive and traditional, concerned merely with concepts, usually through lectures about far regions, away from the students' environment. For many years, geography has been seen as a less dynamic discipline. And thus, stigmatized by this premise for several generations in the school environment. Today, we know that geographic knowledge is extremely dynamic, interdisciplinary and mainly connected with several possibilities for its dissemination. Especially with the rise of new technologies from the globalization. In search of a better teaching-learning process, marked by the participation of students in the production of knowledge, based on their social and cultural experience established in their daily lives. The present work is called "Cordel literature in the Teaching of Geography". It represents another proposal to be used as a teaching resource in Geography classes. Opening up space for a pedagogical new way of learning that arises from the analysis of the local reality based on the valorization of popular knowledge and the typical culture of the Northeast region.



Cordel literature opens space for a dialogue between academic and school medium. And the popular knowledge, provided by reading existing cordels, those produced by themselves and those produced by students themselves, from their local experiences.

Keywords: Cordel Literature, Geography Teaching, Pedagogical Practices.

1 Introdução

No caminhar da educação ao longo dos anos, percebeu-se diferentes etapas, processos que procuraram se moldar às perspectivas e anseios das sociedades da época. Desde seu nascedouro, com uma ideologia voltado ao desenvolvimento das práticas dentro do convívio familiar ou dos grupos primitivos.

[...] as crianças acompanhavam os adultos em todos os seus trabalhos, ajudavam-nos na medida das suas forças e, como recompensa, recebiam a sua porção de alimentos como qualquer outro membro da comunidade. A sua educação não estava confiada a ninguém em especial, e sim à vigilância difusa do ambiente. [...] nas comunidades primitivas, o ensino era para a vida e por meio da vida; para manejar o arco, a criança caçava; para aprender a guiar um barco, navegava. As crianças se educavam tomando parte nas funções da coletividade. (PONCE, 1989, p.19)

Nesta perspectiva, a educação, transpôs os limites das sociedades grupais para se adaptar a um novo modelo de educação que privilegiava uma formação que visava atender as necessidades de cada sociedade.

No decorrer dos processos, diferentes teorias e estudos visaram e visam alcançar o que tanto se espera dos estabelecimentos de ensino: Conseguir o sucesso escolar promovendo uma formação integral do sujeito preparando-o para a vida e para o universo do trabalho. Nesta perspectiva, é digno de nota, trazer em voga o papel da tríade escola-família-comunidade para se obter a excelência do processo de ensino. E principalmente das práticas de ensino realizadas nos estabelecimentos de educação. Nesta abordagem deve-se trazer à tona o papel do professor dentro deste contexto. Sobretudo aquele que detém, provavelmente, a gama de maior conhecimento, não desprezando a história de vida dos estudantes, nem tampouco o da família e das pessoas que fazem parte do convívio social dos mesmos. Mas aquele que possui o conhecimento técnico das áreas do saber. E o personagem responsável por instigar o senso criativo e construtor do



conhecimento por parte dos discentes. Nesta seara, entra em questão, o exercício da prática e por que não dizer dos inúmeros desafios que os docentes enfrentam pelo sucesso do processo de ensino. Daí, a importância de ser realizada uma autoanálise das práticas a procura de ferramentas, técnicas diferentes e meios que possam enriquecer as aulas, diversificando o diálogo e troca de experiências com os estudantes no ambiente escolar ou fora dele.

Pensando nisto, colocou-se em discussão o uso da cultura popular, notadamente a literatura de cordel como mais uma possibilidade para ampliar o leque de técnicas pedagógicas a serem utilizadas nas aulas de Geografia. Conjecturando conhecimento científico e poesia popular. Aqui traduzido em versos e rimas tão presentes na cultura nordestina e nas raízes do povo brasileiro. A pesquisa teve como objetivo geral: Demonstrar que a cultura popular (Literatura de Cordel) pode ser uma ferramenta importante no processo de ensino aprendizagem de Geografia. Tendo ainda como objetivos específicos: Conhecer o papel da cultura popular para a produção de conhecimento, tornando o ensino de Geografia agradável com o uso de versos e rimas e propondo a produção de textos em versos e rimas, a partir do conhecimento científico dos livros didáticos ou da realidade local dos estudantes.

A realização do trabalho teve como premissa, o grande desafio que os educadores tem enfrentado no ambiente escolar para se chegar à excelência no processo de ensino-aprendizagem. Apresentando alternativas com o intento de tornar a prática pedagógica mais envolvente e participativa. E por outro lado, possibilitando aos educandos se deliciarem através da literatura que nasceu do povo, “metamorfoseando” o conhecimento científico, transformando-o numa linguagem encantadora aos olhos e aos ouvidos do saber construído, segundo o senso crítico dos estudantes, mas sem perder a essência do que está sendo posto em questão.

Partindo da problemática: De que maneira é possível tornar o ensino de Geografia mais agradável, promovendo uma maior interação entre estudante e conteúdo? Para responder este questionamento, optou-se por analisar o provável potencial da literatura de cordel como uma possibilidade de enriquecer às aulas, incentivando a leitura e produção de textos numa linguagem popular, singular, característica de poetas em sua maioria autodidatas e espalhados pelos rincões do nordeste brasileiro.



2. A GEOGRAFIA NO “UNIVERSO” DA SALA DE AULA

Um dos grandes desafios a ser superado pelos professores de Geografia é mudar a concepção de grande parte dos estudantes com relação à importância da mesma para sua formação. Muitos estudantes consideram uma disciplina “chata”, decoreba e como tal, pode ser facilmente “compreendida” com poucas horas de estudo numa futura avaliação. Fato que foi construído ao longo do tempo através de um ensino de geografia mecânico, caracterizado pela memorização de conceitos e outros. Um dos fatores que ajuda a explicar esta realidade, deveu-se a uma deficiente formação de professores das séries iniciais, como destaca Antonio Carlos Castrovanni:

Pesquisas comprovam que muitos professores que atuam nas séries iniciais não foram alfabetizados em geografia. As crianças chegam à quinta série do ensino fundamental sem a construção das noções e das elaborações conceituais que compreenderia tal “alfabetização” (CASTROVANNI, 2009, p.11).

O que de certa forma, historicamente acabou tornando as aulas da disciplina desvalorizadas e desinteressantes na escala de preferência dos estudantes. Uma vez que esta forma de “fazer” pedagógico, renegou a essência crítica típica da disciplina com suas constantes evoluções. Tornando assim nossos estudantes meros expectadores, com a missão apenas de arquivar temporariamente, um conteúdo geográfico que não levava em consideração a realidade local, bem como sua importância na construção do saber geográfico. Advindo da análise crítico-reflexiva dos processos naturais, das histórias e das culturas materiais e imateriais que envolveram e continuam a envolver a dinâmica dos espaços geográficos seja âmbito local ou em escala mundial, principalmente em uma sociedade cada vez mais conectada. Sobre isso, é válido destacar os escritos do geógrafo Milton Santos:

O menor lugar, na mais distante fração do território tem, hoje, relações diretas ou indiretas com outros lugares de onde lhe vêm matérias-primas, capital, mão de obra, recursos diversos e ordens(...) Em nossos dias, o espaço é apropriado, ou ao menos, comandado segundo leis mundiais. (SANTOS, 2009, p.15).

Ademais, nas próprias avaliações externas como o Saeb, e no caso do Piauí, o Saepi. Prioriza-se o ensino do português e da matemática. O que acaba de sobremaneira,



corroborando para que o conhecimento geográfico seja visto como algo superficial na sala de aula.

Um outro fato que contribuiu para que a Geografia fosse tornando-se uma disciplina desinteressante para os alunos. Deveu-se em razão da mesma ter perdido por um tempo seu caráter de pesquisadora da realidade local dos povos, como destaca Umbelino de Oliveira 1998:

Alunos e professores têm sido uma espécie de vítimas desse processo. A geografia que se ensina e que se aprende não os motiva mais e, seguramente, está muito longe de suas reais necessidades. A geografia foi perdendo aquilo que de especial ele sempre teve- discutir a realidade presente dos povos, principalmente no que se refere a seu contexto espacial. (OLIVEIRA, 1998 p. 138).

Neste sentido, fica evidente um dos papéis dos professores de geografia: romper as amarras do ensino puramente didático, centrado nos livros e readaptá-los na busca por esta “nova geografia” vivida, construída e transformada pela humanidade.

2.1 Por que estudar geografia?

Localizar-se no espaço, não se resume apenas a se posicionar em escala local, regional, nacional ou global. Localizar-se em si mesmo, e viajar nas indagações enquanto um ser integrante do meio e um dos responsáveis por transformar, (RE)construir, o espaço natural dando um novo significado a seu lugar e ao mundo. É relacionar sonhos, entrelaçando histórias através de conexões com ou sem fios condutores. Mas que de certa forma, é capaz de romper a barreira dos quilômetros e viajar anos-luz sistema solar afora. Portanto, a ciência geográfica encarrega-se de analisar o espaço vivido, fruto da interação com o meio natural e das relações sociais como explica Callai (2003):

O estudo da geografia insere-se neste âmbito, na perspectiva de como dar conta de como fazer a leitura do mundo, incorporando o estudo do território, como fundamental para que se possa entender as relações que ocorrem entre os homens estruturadas entre um determinado tempo e espaço. (CALLAI, 2003, p. 77).

É esta geografia lapidada diariamente pela sociedade e pela natureza numa simbiose química, física e biológica, que encanta e transcende os limites do tempo,



revisitando o passado, construindo o presente. Todavia, com capacidade para planejar e repensar o futuro. Há que se destacar para os estudantes, que a geografia é antes de tudo, uma ciência do ontem, do hoje e do amanhã. Um conhecimento escrito a partir dos inúmeros questionamentos que ajudam a explicar o processo de tudo. Sendo assim, vale destacar as ideias de Morin 2005:

Ensinar a condição humana. Conhecer o humano é, antes de mais nada, situá-lo no universo, e não separá-lo dele. Como vimos, todo conhecimento deve contextualizar seu objeto, para ser pertinente. “Quem somos?” é inseparável de “onde estamos?”, “De onde viemos?” “Para onde vamos?”. Interrogar nossa condição humana implica questionar primeiro nossa posição no mundo. (MORIN, 2005, p. 47)

Na busca por responder estes e outros questionamentos. A ciência geográfica contribui para que seja possível compreender o status quo. Partindo do cenário local, do cotidiano vivenciado por todos para o cenário global. Envolvendo a análise dos diferentes fenômenos naturais ou antrópicos que ocorrem em micro e macro escala no tempo e no espaço. Apesar destas transformações é essencial destacar a contribuição de Santos, 1988:

A história é sem fim, está sempre se refazendo. O que hoje aparece como resultado é também um processo; um resultado hoje é também um processo que amanhã vai tornar-se uma outra situação. O processo é o permanente devir. Se pudéssemos parar a história é que teríamos um estado, uma situação permanente. (SANTOS, 1988, p. 95)

Segundo Cavalcante (1998) em suas atividades diárias, alunos e professores constroem geografia, pois, ao circularem, brincarem, trabalharem pela cidade e pelos bairros, eles constroem lugares, produzem espaços, delimitam seus territórios. Assim, vão formando espacialidades cotidianas em seu mundo vivido e contribuindo para a produção de espaços geográficos mais amplos. Ao construírem geografia, constroem também conhecimentos sobre o que produzem, conhecimentos que são geográficos. Então, ao lidar com coisas, fatos e processos na prática social cotidiana, os indivíduos vão construindo e reconstruindo geografias (no sentido de espacialidade) e, ao mesmo tempo, conhecimento sobre elas.



Posto isto, podemos ratificar o caráter atual e inovador da Geografia. Uma vez que esta é resultado do processo de evolução da sociedade e das transformações naturais. Por meio dela é possível fazer uma releitura de si mesmo e do mundo, referendada por ações cotidianas que partem da esfera local para o global. E que torna o saber geográfico imprescindível para entender o papel da sociedade dentro deste contexto. Neste sentido, vale destacar uma das propostas do PCNs com relação a nossa função na produção do conhecimento geográfico:

As percepções que os indivíduos, grupos ou sociedade têm do lugar em que se encontram e as relações singulares que com ele estabelecerem fazem parte do processo de construção das representações de imagens do mundo e do espaço geográfico. As percepções, as vivências e a memória dos indivíduos e dos grupos sociais são, portanto, elementos importantes na constituição do saber geográfico. (Brasil 1998, p.110)

3 REPENSAR A PRÁTICA PARA UM NOVO ENSINO DE GEOGRAFIA

A busca constante por resultados satisfatórios e pela excelência do ensino tem sido há muito discutido no mundo acadêmico, nas escolas e nos inúmeros congressos e seminários de formação de professores. Todos uníssonos e desejosos pelo sucesso dos estudantes, esperando que os diversos desafios que as escolas enfrentam como a escassez de recursos possam ser superados, afim de se obterem os resultados esperados pelos que são responsáveis pela formação dos estudantes. Um papel dividido entre órgãos governamentais e o tripé escola-família-comunidade.

Libâneo (apud TEIXEIRA; SCHWANTES, 2011) afirma que a escola bem organizada é aquela que garante condições pedagógicas e operacionais para que os professores desempenhem um bom trabalho a ponto de promover uma aprendizagem satisfatória a todos os alunos.

Num cenário onde somos abarcados pela cultura digital com seu fluxo de informações diminuindo distâncias, conectando países, pessoas numa aldeia global. E por vezes o limite espacial através da internet com suas transmissões em tempo real. É imprescindível nos adaptarmos a este novo ambiente de revoluções cada vez mais presente no ambiente escolar. Todavia, sem perder a essência das raízes e acontecimentos que fazem parte do conhecimento popular, do local onde transformamos e somos



transformados nas relações diárias. Portanto, superar o tradicional ensino da geografia onde as únicas ferramentas são apenas o giz, o quadro e o livro didático com seus conteúdos desconexos das realidades locais é mais do que uma obrigação. É uma cultura que precisamos implantar para que possamos de fato, convidar os alunos a serem coautores, protagonistas na produção do seu conhecimento. Neste sentido, valemo-nos das palavras de RESENDE ao destacar:

[...] desprezar o ser histórico da disciplina que ensinamos e dos nossos alunos. Acolhê-los seria, de certa forma, redefinir a relação mesma de ensino-aprendizagem, construir o caminho do conhecimento, da descoberta, a partir da realidade vivenciada pelo aluno. (apud ROCHA, 1993, p. 184- 185).

Este modelo de ensino caracterizado pelo diálogo entre o que se ensina e a realidade local dos estudantes, que sempre foi ignorada pelos livros didáticos. Deve ser buscada pelos professores de geografia, visando diminuir a distância entre os conteúdos ensinados presentes nos livros e o cotidiano dos alunos. Para tanto, é necessário sair da caixa. Avaliar a prática. Direcionar o olhar para si mesmo, e analisar se o seu “fazer” pedagógico está propiciando um modelo de ensino que torne a aprendizagem significativa, facilitando a apropriação e produção de conhecimento por parte dos estudantes. Com relação a este método é digno de nota o pensamento de Cavalcante, 2012:

O caminho mais adequado para desenvolver o tema de procedimentos no ensino de geografia é o de uma reflexão sobre os objetivos. “ Ensino é um processo de conhecimento do aluno mediado pelo professor, no qual estão envolvidos, de forma interdependente, os objetivos, os conteúdos, os métodos e as condições e formas de organização” (CAVALCANTE, 2012, p 175-176).

Na procura por uma prática eficaz, colocamos em discussão a concepção do ensino da geografia de acordo com os PCNs, onde o mesmo, tem o compromisso com os estudantes de prepara-los para “localizar, compreender, e atuar no mundo complexo, problematizar a realidade, formular proposições, reconhecer as dinâmicas existentes no espaço geográfico, pensar e atuar criticamente em sua realidade tendo em vista a sua transformação” (BRASIL, 2006, p.43).



O objetivo destacado nos PCNs, reforça o caráter dinâmico da disciplina, sendo possível viajar em diferentes nuances do espaço geográfico para compreendê-lo. O que abre possibilidade de integração com outros ramos do conhecimento. Globalizando o saber por meio da análise empírica e científica das transformações sociais. Isto só é possível segundo Castrovanni (2007) porque,

A geografia talvez seja a disciplina que mais trabalhe com práticas interdisciplinares, percorrendo um leque de possibilidades na área da educação. No mundo globalizado, não há como evitar a recorrência aos conceitos básicos da geografia – lugar, região, paisagem, território, territorialidade – para entender as diferentes concepções de mundo e as transformações das sociedades (CASTROVANNI, 2007, p. 44).

O modelo de ensino ideal é aquele que podemos experienciar o mundo. Sentindo-se parte do meio, e portanto, um instrumento capaz de vivenciar e interpretar criticamente a metamorfose dos lugares.

De acordo com os PCNs (1998, p.25) deve ser deveres dos educadores “[...] questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação”.

Adequar o conteúdo à realidade vivido por nossos alunos é sem dúvidas, o ponto de partida. Os alunos deverão compreender que todas as respostas para os problemas de ordem global, partem a partir do entendimento das experiências locais que fazem parte do seu cotidiano. Para tanto, é essencial o professor levar para o universo da sala de aula, o mundo, as experiências dos estudantes, fazendo uma leitura do local, para que estes sejam capazes de produzir conhecimento, como apontado por Freire 2004.

Respeitar a leitura do mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento. É preciso que, ao respeitar a leitura do mundo do educando para ir além dela, o educador deixa claro que a curiosidade fundamental à inteligibilidade é histórica e se dá na história, se aperfeiçoa, muda qualitativamente, se faz metodicamente rigorosa (FREIRE, 2004, p. 123).



É através de suas relações sociais, econômicas, políticas e culturais com o seu ambiente que influencia e é influenciado por outras culturais. Seja daqueles grupos que construíram suas bases históricas, ou daqueles provenientes de outros grupos culturais. Este entrelaçamento e integração de traços diferentes, remodela pessoas, lugares e espaços sendo importantes fontes de pesquisa para construir conhecimento por parte dos discentes. Nesta perspectiva, Santos (1997, p.116) aponta que “ cada lugar é o mundo”. Ou seja, cada lugar acaba sendo a expressão do mundial. E das relações estabelecidas entre ambos, o mundial acaba se instalando no lugar, mas é o lugar que vai determinar o impacto dessa nova ordem (globalização) dentro de sua dinâmica.

Embasado nessa ideia de apropriação de conhecimento a partir das relações locais no âmbito da cultura. Sobretudo aquelas que ajudam a explicar a dinâmica local dos ambientes para encontrar respostas para o todo. Lançamos as bases para utilizar uma ferramenta cultural típica da região Nordeste para auxiliar os educadores nas aulas de geografia. Trata-se da Literatura de cordel, uma ferramenta nascida do povo e para o povo. Encarregada de contar casos e causos segundo a criatividade dos poetas populares.

4 RECURSOS DIDÁTICOS, A BÚSSOLA DO ENSINO DE GEOGRAFIA

Os professores, ao longo dos tempos, sempre enfrentaram diversas dificuldades no exercício da profissão. Principalmente os de escolas públicas onde a desvalorização, o acúmulo de carga horária e a desmotivação dos estudantes sempre representaram entraves para se conseguir a tão esperada excelência do ensino. Além é claro, da escassez de recursos financeiros para a aquisição de materiais audiovisuais ou pedagógicos a serem utilizados no desenvolvimento das atividades escolares, apesar dos avanços registrados nos últimos anos.

Segundo Martinez Bonafé (2002) os materiais didáticos são elementos que servem para ordenar a vida da aula. O auxílio que os mesmos dão ao professor na aplicação da aula, enriquece muito o processo de ensino-aprendizagem da disciplina, pois proporcionam aos alunos uma série de vivências, que a falta dos mesmos não permitiria.

Na maioria das vezes, os únicos recursos disponíveis para as aulas se resumem apenas ao giz, o quadro e os livros didáticos, cuja quantidade geralmente é insuficiente para o número de alunos presentes nas escolas. O que torna o trabalho ainda



mais desafiador, agora numa época em que as pessoas encontram-se mais conectadas e dependentes das mídias sociais.

Numa época em que a comunicação e jogos digitais chegam cada vez mais distantes devido ao avanço tecnológico, as escolas com sua pouca evolução parecem perder o encanto, frente a avassaladora rapidez de informações num mundo cada vez mais hitech. Hoje, a missão de despertar o desejo por aprender, por produzir conhecimento supera a realidade do giz, quadro e livro. Tornar as aulas atraentes com a participação de todos, e os estudantes sendo protagonistas na produção de conhecimento, apresentam-se como grandes desafios deste novo momento presenciado por todos. Portanto, a utilização de métodos, procedimentos e técnicas variadas de ensino que permitam integração entre educador e educando numa dialética que priorize o cotidiano é um dos objetivos a serem alcançados na prática docente. Com relação a essa dinâmica os PCNs (1998) já destacavam que “utilizar as diferentes linguagens verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias.” Assim, complementa Oliveira (1998,p.140):

Este caminho dialético pressupõe que o professor se envolva não só com os alunos, mas, sobretudo com os conteúdos a serem ensinados. Ou seja, o professor deve deixar de dar conceitos prontos para os alunos, e sim, juntos, professores e alunos participarem de um processo de construção de conceitos e de saber (OLIVEIRA, 1998, p. 140).

Segundo Claudino Pilleti (2006) quando existe a correta adequação dos recursos de ensino eles colaboram na motivação e despertam o interesse dos alunos; favorecem o desenvolvimento da capacidade de observação; aproximam o aluno e a aluna da realidade; visualizam ou concretizam os conteúdos da aprendizagem; ilustram noções mais abstratas; desenvolvem a experimentação concreta;

O fazer pedagógico do século XXI, deve apresentar-se de diferentes maneiras, trabalhando com inúmeras ferramentas que possam propiciar a formação dos sujeitos na integralidade, pois é necessário que esses através de suas experiências e contato com o mundo, aprendam a lidar com todo tipo de informação a que tem acesso, e principalmente saber o que fazer com elas. Sem fragmentação entre o sujeito e o objeto. Propiciando assim, a possibilidade de produção de conhecimento, partindo da análise



crítica dos agentes envolvidos nesse processo. Dentro dessa ideia de ensino que ainda buscamos fazer-se presente nas salas de aula, Moraes (1996) já destacava em seu texto “O paradigma Educacional Emergente” que essa nova visão de ensino, deveria partir de uma perspectiva construtivista (conhecimento como algo sempre em processo de construção), interacionista (o conhecimento se dá através da relação de troca entre sujeito e objeto, um modifica o outro, e os sujeitos se modificam entre si), sociocultural (o ser se faz na relação, na interação como meio físico e social) e transcendente (compreender-se como ser integrante do universo).

Assim, neste trabalho, abordou-se a cultura popular, no caso específico a literatura como uma possibilidade de utilização da mesma com um viés pedagógico. Sendo utilizados nas aulas de geografia buscando integrar o conteúdo presente no livro, com a realidade presenciada no universo dos estudantes. Aproveitando a estreita relação existente entre o regionalismo marcado pela forte presença cultural de uma ferramenta popular admirada por todos devido seu caráter criativo propiciada por diferentes cordelistas do Nordeste.

4.1 O cordel na prática pedagógica

A utilização da literatura de cordel como recurso didático nas aulas, facilita o processo de ensino nas mais diferentes perspectivas. Uma vez que o conteúdo “esmiuçado” através de uma releitura produzida em versos e rimas atrai a atenção dos estudantes, provoca encantamento, desperta interesse pela cultura local e incentiva produção de textos e a prática da leitura. Principalmente quando o professor prepara o ambiente escolar com o tema bem regionalístico, veste-se a caráter e com a ajuda de seus alunos, fazem a leitura compartilhada de cordel, viajando no conhecimento através de versos e rimas. Estabelecendo uma estreita relação entre teoria/prática e conteúdo/realidade.

É possível pedir para que os estudantes produzam seu próprio cordel e façam a leitura para os colegas em sala de aula ou em algum outro evento da escola. Bem como a produção de vídeos com recitação do mesmo nesse período de pandemia e isolamento social.



4.2 Um pouco da história do cordel

O cordel tal qual conhecemos hoje, teve sua origem no continente europeu, sobretudo nos séculos XII e XIII, e de lá expandindo-se para outras regiões levando histórias para a população, que na sua maioria era analfabeta. Este modelo de expressão, que contrapunha a linguagem culta da elite dominante. Passou a ser mais presente nas camadas menos favorecidas, principalmente após as revoluções tecnológicas que permitiram a impressão em papéis.

A literatura de cordel é uma poesia de cunho popular, que conta histórias típicas dos folclores regionais ou acontecimentos surpreendentes da “Mitologia Nordestina”, narrados em versos e rimas segundo a criatividade dos cordelistas.

A literatura de cordel popularizou-se em nosso país em meados do século XVIII, com versos musicados e cantados por repentistas que se assemelhavam bastante aos trovadores medievais da cultura europeia.

4.3 O cordel no Nordeste

O cordel foi introduzido no Nordeste brasileiro com a chegada dos colonizadores portugueses, período em que os escritos eram conhecidos como “folhas soltas” ou “folhas volantes” nas feiras de Portugal. Nas feiras nordestinas eram vendidos pendurados em cordões, daí o nome cordel. Posteriormente foi criada a “xilogravura” (desenho em alto relevo em madeira) que passaram a ilustrar as páginas dos cordéis.

No Nordeste a literatura ganhou visibilidade, sendo bastante difundida em diversos momentos da história. Devido a priori as condições sociais e culturais, aos aspectos naturais como a seca, a fauna, as inúmeras histórias do cangaço, aos desequilíbrios sociais e econômicos, as disputas entre famílias e outros. Todas essas características peculiares, representavam temas frequentes que eram utilizados nos folhetos dos cordéis ou cantados pelos repentistas da região.

4.4 Sugestão para utilização de cordéis

A geografia, assim com a literatura de cordel por apresentarem características dinâmicas e interdisciplinares, podem ser bastante utilizados em diferentes situações. No caso do cordel, pode ser explorado em diferentes disciplinas e temas. Abordando as mais



variadas questões como: Educação Ambiental, Educação do Trânsito, Política, Cultura dentre outros.

O cordel abre espaço para a produção de conhecimento a partir de situações como a leitura coletiva ou individual dos folhetins, produção de vídeos com recitação do cordel, produção de cordel pelo professor, produção de cordel pelos estudantes, análise e debates virtuais de cordéis com produção de autores fora do ambiente escolar, realização de feiras com exposição dos cordéis produzidos pelos estudantes no pós-pandemia. Enfim, o cordel se apresenta como um poderoso aliado do aprendizado e na produção de conhecimento por parte dos estudantes. Realizado através de um diálogo entre professor/aluno e conteúdo/poesia.

4 Considerações Finais

Neste artigo, buscamos colaborar com os professores acerca da importância de inovar as práticas pedagógicas com a utilização de diferentes recursos na sala de aula, com o intento de tornar o “fazer” pedagógico um momento agradável, promovendo a participação integral dos estudantes, sendo coautores na produção de conhecimento da disciplina geografia. A partir da análise local, de suas experiências sociais, econômicas, políticas e culturais desenvolvidas na sua vivência cotidiana. Oportunidade em que buscou-se traduzir e entender os diferentes fenômenos sociais, econômicos e naturais, tendo a literatura de cordel como principal ferramenta metodológica do ensino de geografia.

Atualmente, presenciamos uma geração cada vez mais conectada e receptora de uma grande quantidade de informações nas diferentes plataformas digitais. Fato que contribui para que a escola com sua lenta evolução, acabasse se tornando um ambiente pouco agradável para a nova geração de estudantes. Nesta perspectiva, colocamos em discussão a importância da mesma rever sua prática, e encontrar alternativas para a melhoria da aprendizagem. Sendo assim, propusemos utilizar o cordel como alternativa de baixo custo, agradável, e que apresenta uma boa receptividade por parte dos alunos. Uma vez que através dela, podemos utilizar variadas possibilidades na realização das atividades escolares. Desde leituras individualizada ou coletiva de cordéis até produção



de cordéis de autoria dos alunos, tomando como referência a realidade local e o conteúdo presente nos livros didáticos.

As tecnologias digitais também se apresentam como fortes aliadas neste processo. Uma vez que é possível produzir vídeos com recitação de cordéis, debates online nas plataformas, criação de blog com produções dos estudantes e do próprio material do professor ou simplesmente produzir o próprio folheto de cordel de todo material e divulgar nas mídias sociais da escola.

Finalizamos entendendo com base na discussão com os autores pesquisados e principalmente de nossa experiência como educador. Que de fato, o uso da Literatura de Cordel pode sim, ser mais uma alternativa a ser utilizada em sala de aula no componente curricular de geografia, como nas outras disciplinas, devido sua essência interdisciplinar capaz de mediar um diálogo com incontáveis temas. Abrindo um canal para que os estudantes possam aflorar sua criatividade e reflexão sob vários assuntos através da experiência da leitura e produção de cordel.

Referências

- BRASIL, **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: geografia.** Brasília: MEC, SEF, 1998. 156p.
- CAVALCANTI, Lana de Sousa. **O ensino de geografia na escola** (Lana de Sousa Cavalcanti) Campinas, SP: Papyrus, 2012. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)
- CAVALCANTI, Lana de Sousa. **Ensino de geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino.** São Paulo: Contexto, 2006.
- CALLAI, Helena Copetti. **O estudo do município ou a geografia nas séries iniciais.** In: CASTROVANNI, Antonio Carlos, et al. **Geografia em sala de aula: Práticas e reflexões.** 4ªed. Porto Alegre: UFRGS, 2003
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro.** 10ª ed, São Paulo: Cortez Editora, 2005.



OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino (org.) **Para onde vai o ensino da geografia.** (Coleção repensando o ensino) São Paulo: Contexto, 1998.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço, técnicas e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996.

MARTINEZ BONAFE, J., (2002). **Políticas del libro de texto escolar.** Madrid: Morata.

RIO DE JANEIRO, **Lei nº**, 2011.